

17 JUN 1989

Sem água para o Titanic

Políticos que já estavam migrando de seus partidos em direção à candidatura Fernando Collor de Mello vão aguardar mais um pouco, porque este mostra estar abarrotado de apoios. Não vai recepcionar os que chegam por último com a mesma simpatia: a estratégia dos integrantes do bloco que quer "collorir" é aguardar até que o candidato reflua um pouco nas pesquisas. Com essa volta ao real, segundo as expectativas dos políticos, haveria clima propício a novas adesões, que seriam feitas sob melhores condições e com maiores contrapartidas.

Para especificar, temos os dissidentes do PFL, que estão a um passo de "collorir". Menos, é evidente, o senador Marco Maciel, que conserva uma elogiável postura ética, permanecendo ao lado da candidatura Aureliano Chaves. Marco aceitou as regras do jogo, concorreu às prévias, perdeu-as e aceitou democraticamente o resultado. Não vai mudar de partido nem trocar de candidato. Democracia é isso mesmo, reconhece o senador que conhece o mundo civilizado, cuja cultura inclui também a aceitação de adversidades e derrotas.

Com o senador Marco Maciel certamente ficará o senador Jorge Bornhausen. Mas os demais estão inquietos, com mãos, frias e olhares eszazeados. O senador Carlos Chiarelli não admite nem a postura ética de Maciel, nem a candidatura Aureliano. Na sua pressa de aderir, no entanto recebeu uma resposta curta e seca do ex-presidente nacional do PFL: "Vocês exigiram que eu fosse candidato. Não estava em meu projeto.

Eu jamais quis. Submeti-me à vontade para unir o grupo. Mas, depois que me submeti, tinha também que me submeter ao resultado das prévias", afirmou-lhes Maciel "vou ficar com o candidato de meu partido".

Essa demonstração de coerência pelo menos já produziu efeitos benéficos para o PFL: ninguém sairá mais do partido. A pesquisa das bases, para aferição da aceitabilidade da candidatura Aureliano, que seria finalizada no dia 15, ficou para o dia 25. A reunião promovida pelo dissidente Alcení Guerra em Maringá (PR) de repente passou de deliberativa — para aprovar a saída da seção paranaense do partido — passou a consultiva. São recuos significativos, de uma posição agressiva para uma de maior meditação. O chá (não café) tomado pelo senador Itamar Franco, na quarta-feira passada, com seus colegas Bornhausen e Chiarelli, teve o efeito do maracujá: aquietou-os a todos. Fora mesmo só estaria o deputado Thomaz Nonô: "Eu não tenho vocação para Titanic", repete o político alagoano. "Mas com Collor eu não fico", rebate, ele está pior que o navio: não tem água para afundar.

Mas o senador Marco Maciel não está assim tão compassivo: esperou que o ex-ministro Aureliano Chaves viesse visitá-lo em Brasília, como combinado, mas o candidato não veio. Maciel está numa posição de cobrar solidariedade de seus companheiros, e obtê-la. Mas, por deter a migração para Collor e Brizola, precisa ser prestigiado.